



O Jornalismo Gonzo na Televisão Brasileira¹

Alana Laís dos Santos Lima²

Denny Anderson Farias Costa³

Rebecca Mazzini Rodrigues Pereira⁴

Renata Magalhães Jungmann⁵

Universidade Federal de Pernambuco- Recife, PE

Resumo

O jornalismo gonzo sempre foi tido como um estilo polêmico e controverso, sendo muitas vezes discriminado no âmbito jornalístico. Mesmo assim, influências desse tipo de jornalismo estão presentes em diversas formas de programas televisivos, jornais e revistas atuais. Além disso, se tornou um referencial para muitos profissionais de comunicação que buscam inovar o restrito “jornalismo tradicional”. O gonzo tem se mostrado um estilo de escrita e técnica de apuração que vários jornalistas e suportes midiáticos. Este trabalho tem como objetivo analisar quais as características do jornalismo gonzo presentes especificamente nos programas televisivos brasileiros contemporâneos, a forma em que elas se configuram e os efeitos que podem causar em seus telespectadores.

Palavras-chave

Jornalismo Gonzo; programas humorísticos; mídia; televisão.

Gonzo: origem, Hunter Thompson e repercussões no Brasil

O Gonzo é uma corrente jornalística ainda pouco explorada pelos meios de comunicação brasileiros. Sua origem, contribuições e atuação nos dias de hoje ainda é desconhecida pelo grande público e até mesmo por estudantes e profissionais de comunicação, e a bibliografia a respeito do tema é escassa. Mas, como algumas (poucas) pesquisas já foram feitas no campo do gonzo escrito no Brasil – a sua maioria

¹ Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Maceió – AL – 15 a 17 de junho 2011.

Pesquisa realizada nas disciplinas Método de Pesquisa em Comunicação 1 e 2 sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Paula Reis Melo. E-mail: preismelo@hotmail.com.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: alana.lslima@gmail.com

³ Graduando em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq (PIBIC), desenvolvendo atualmente a pesquisa “O Telejornalismo como um Lugar de Referência e a Função Pedagógica no Caso do NETV 1^a Edição”, sob orientação do Prof. Dr. Alfredo Vizeu. E-mail: denny.costa@gmail.com.

⁴ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rebeccamazini@gmail.com.

⁵ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: rjungmann4@gmail.com.

Co-autores: Amanda de Oliveira Arruda, graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: amandaoarruda@gmail.com; Isabela Magalhães Jungmann, graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: i.m.jungmann@gmail.com.



levando em conta o que ocorre no jornalismo impresso – resolveu-se então analisar como se dá a configuração do jornalismo gonzo na televisão.

O Jornalismo Gonzo surge por influência do momento histórico da época, que era palco da contracultura, do movimento hippie, do movimento feminista, do Woodstock e toda uma grande gama de ideais de sentimento libertário, que inspiraram o *New Journalism* antes dele. Hunter Thompson (criador do gênero gonzo e principal exemplo do mesmo) foi, inclusive, um dos grandes ícones para os jovens da época, como mostra o fragmento abaixo:

Principalmente entre os jovens, ele se tornou um ícone da cultura pop. O símbolo que foi criado para ilustrar o estilo Gonzo – um punho em forma de adaga cuja mão segura um botão de peiote, conhecido alucinógeno indígena extraído de algumas espécies de cacto – ilustrava camisetas, adesivos e revistas jovens da época. (ALAM, 2009)

Inúmeras características do jornalismo tradicional, como, por exemplo, o não uso da primeira pessoa, de adjetivações e de outras ferramentas linguísticas que possam transparecer qualquer juízo sobre algo ou alguém foram ignoradas pelo jornalismo gonzo:

O *Gonzo Journalism* prima pela total anarquia, pelo sarcasmo e pelo exagero. É a tradução mais aproximada dos ideais libertários da época: a busca incessante pelo Sonho Americano - coisa que todos, de uma forma ou outra, estavam fazendo nos Estados Unidos nos anos 60. (CZARNOBAL, 2003)

Entre as principais características do jornalismo gonzo estão, segundo Camila Alam (2009): temática repetida (suas matérias são sempre sobre sexo, drogas, esporte e política); uso de citações e epígrafes (não raro, Thompson introduzia seus textos com frases que já inseriam o leitor no clima do seu texto. Podiam ser famosas ou mesmo suas, citadas sob os diversos pseudônimos que o mesmo tinha, o principal sendo Raoul Duke); referência sem pudores a figuras públicas; tendência para mover o tópico central da narrativa (observa-se na narrativa de Thompson uma fuga parcial/total do tema).

Uma vez visto o estilo gonzo pela perspectiva do seu maior ícone e criador, Hunter Thompson, faz-se necessário entender o gonzo dentro do contexto brasileiro. Sendo, assim, será visto a seguir os casos de O Pasquim e da revista *Trip* para entender como se configurou o “abrasileiramento” do estilo.



O jornal *O Pasquim*, que surgiu em 1969, no Rio de Janeiro, contou com a participação de muitos colaboradores. Essa grande quantidade de vozes trouxe um ganho enorme para a qualidade do jornal e para a comunicação brasileira da época:

O Pasquim trouxe para a sua redação, em 1969, uma pluralidade de pontos de vistas. Correlacionou temperamentos, formações, gerações, valores e hábitos distintos. Em comum, entre seus jornalistas, havia o desejo de se expressarem livremente, sem mecanismos de cerceamento. A vontade de falar acabou produzindo um discurso insuflado com a personalidade de cada cronista, cartunista, chargista e escritor que usavam o humor como narrativa. Era anárquico e sem pauta, mas não deixava de estar nas bancas semanalmente. (QUEIROZ, 2006, p.1)

Em *O Pasquim*, cada escritor tinha a liberdade para escrever sobre o assunto que quisesse, e sem uma definição prévia a respeito do tipo de linguagem que deveria ser utilizada. Uma das principais estratégias discursivas do jornal está relacionada ao corrente uso do humor:

Através do humor, criticou paradigmas e enfrentou os tabus da moral vigente – liberação sexual, entre outros temas foram levantados e discutidos, suscitando escândalos e provocando reações apaixonadas. Divulgou no Brasil temáticas da contracultura e da busca de novos modos de percepção através das drogas. As entrevistas do Pasquim tornaram-se a tribuna livre das vozes de oposição ao regime, o espaço para a manifestação de intelectuais, artistas e políticos. O humor foi, então, o veículo através do qual se viabilizou esta opção, que, de uma característica pessoal dos jornalistas do Pasquim, tornou-se um elemento de identificação com o público, ou seja, realizando-se numa relação coletiva. (QUEIROZ, 2005, p.232)

Pode-se perceber, então, que o uso do humor não se fez por acaso. Os profissionais do jornal, que já tinham identificação com a sátira e o cômico, usaram as entrelinhas como saída – uma estratégia discursiva, intimamente ligada ao contexto político da época.

A *Revista Trip*, no mercado editorial desde 1986, é uma revista de grande circulação, pois publica cerca de 40 milhões de exemplares por ano. Para tal, a revista conta com um repórter considerado um ícone do jornalismo gonzo no Brasil e também o jornalista que mais aderiu ao gonzo de Thompson (tido como pioneiro): Arthur Veríssimo. Com relativa liberdade, que se adquire trabalhando para uma revista mensal, Arthur Veríssimo possui um histórico de matérias gonzas consideráveis, em que se podem notar diversas características e adaptações do jornalismo criado por Thompson.



Com a formulação desses conceitos tornou-se possível o aprofundamento dos conhecimentos sobre o gonzo e a sua aplicação nos programas televisivos atuais. A intenção foi explicar as influências encontradas nesses programas, por meio de uma extensa análise dos mesmos. Com as ideias apresentadas e as características das diversas “variações” de jornalismo gonzo agora já explicitadas, necessita-se apenas compará-las ao conteúdo dos programas e, assim, apontar essas contribuições.

Análise de programas da televisão brasileira

Este estudo pretende verificar as características que o jornalismo gonzo tem na mídia televisiva brasileira. Como exemplos de mídia televisiva foram escolhidos programas atuais, que possuíssem um gênero não só jornalístico, mas também alguns que sejam conhecidos pelo humor e irreverência. Verificou-se, portanto, que programas como *CQC*, *A Liga*, *Pânico na TV*, *Profissão Repórter* eram os mais prováveis de possuir características gonzas, devido a seus formatos não ortodoxos. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi feita através de uma amostragem intencional. Procuraram-se episódios – não necessariamente sequenciais – cujos aspectos pouco comuns do fazer jornalísticos fossem mais abundantes e também os mais amplos possíveis – esperando, assim, que aumentassem as chances de existir alguma influência gonza.

A análise foi feita identificando – conforme se assistia aos programas selecionados – as características do jornalismo gonzo que se destacavam. Tais características poderiam abranger tanto o jornalismo gonzo típico de Hunter Thompson quanto o estilo de *O Pasquim*, ou até mesmo ter influência do método de jornalismo utilizado pela *Revista Trip*. Entendendo o Jornalismo Gonzo, levando em consideração seu início e desenvolvimento e suas manifestações no Brasil com *O Pasquim* e a *Revista Trip*, faz-se necessário ver se as conjecturas anteriormente feitas são aplicáveis na realidade atual. Para isso, foram analisados episódios de *A Liga*, da Rede Bandeirantes de Televisão, *Profissão Repórter*, da Rede Globo de Televisão, o *Custe o Que Custar* (*CQC*), também da Rede Bandeirantes, *Pânico na TV* da RedeTV! e um quadro do programa do Ratinho exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

A Liga – Nas ruas de São Paulo:

Na edição do programa *A Liga*, exibida no dia 14 de setembro de 2010, os integrantes do programa circulam pelas principais ruas do centro de São Paulo



escancarando a realidade das pessoas que nela vivem ou passam. A reportagem de Thaíde mostra usuários de *crack*; ele conversa com os dependentes químicos, que são os principais personagens da matéria sobre a ‘Cracolândia’. Rosanne Mulholland roda a vida noturna do centro paulista para descobrir quais as atividades de entretenimento feitas na região. Já Rafinha Bastos foca nos vendedores ambulantes ilegais das ruas movimentadas da metrópole, além de ir ao Mercado Municipal, na Liberdade – bairro marcado pela presença da colônia japonesa – e andar com dois ladrões pelas ruas do centro, conversando sobre a rotina de assaltos. Todos eles têm uma abordagem personalizada e fazem, no episódio uma reportagem com diferentes pontos de vista e com características (ou, pelo menos, influências) do Jornalismo Gonzo.

Na ‘Cracolândia’, no centro de São Paulo, Thaíde inicia a sua matéria – e diversas características gonzas já podem ser apontadas. Por exemplo, a questão da irreverência na abordagem: os usuários de drogas estão queimando o *crack* e usando-o na frente das câmeras, enquanto Thaíde conversa casualmente com eles. Pode-se inferir que uma pessoa que está acostumada ao padrão jornalístico de elaboração de reportagem possa ter um choque inicial. A obediência às regras nunca foi uma preocupação do Jornalismo Gonzo, assim como não houve respeito à conservação de valores estéticos do tipo “padrão”. Thaíde está sentado ao lado dos usuários de drogas, adaptando seu linguajar para imergir de forma mais sutil no meio que está retratando, aproximando-se da realidade linguística dos dependentes químicos, utilizando expressões como “*bagulho*” (referindo-se ao *crack*), “onde mais bate a brisa” (referindo-se ao efeito que o crack proporciona) e “a loira” (referindo-se à polícia).

A subjetividade do repórter na matéria, também uma característica gonza, pode ser observada durante uma entrevista com uma usuária de *crack*, em que ela faz um depoimento pessoal em frente à câmera – aos 7’55” do terceiro bloco do programa –, falando da suas atitudes com o pai e pensando nos filhos, um momento no qual o repórter se mostra envolvido com a situação. Thaíde ainda comenta que queria terminar logo o trabalho, e que estava sendo pior do que o que havia feito sobre a morte. Além do claro uso da primeira pessoa e exposição da sua sensação emocional, aspecto banido do jornalismo tradicional e muito explorado no gonzo, nota-se também outra característica: o desvio, ainda que breve, do tema. A matéria da morte citada havia sido de um episódio anterior do programa – Thaíde sai do assunto para falar do próprio processo de produção da reportagem.



Enquanto isso, Rafinha Bastos encontra-se na Rua 25 de Março, no centro de São Paulo e abusa de termos pessoais e coloquiais. Aos 42 segundos do segundo bloco do programa já se vê: “A gente *tá* aqui, a jornada *tá* apenas começando e você vai conhecer a fundo esse que é um dos maiores centros comerciais da América Latina”. Além da coloquialidade, há uma tentativa de envolvimento do telespectador – aproximando a audiência para aquele universo – à medida que o repórter coloca-se como participante ativo do acontecimento, dando uma retratação pessoal e, portanto, menos objetiva: características tipicamente gonzas. Outro fator observado é o atrito com a autoridade. Rafinha Bastos começa a ter problemas com a polícia – como pode ser verificado a partir dos 3’02” do segundo bloco do programa – por estar filmando a apreensão dos comerciantes. Ao invés de a produção do programa desligar a câmera, eles insistem em mostrar todo o desenrolar da história. A preocupação em registrar os bastidores da notícia esteve muito presente no jornalismo de Hunter Thompson.

Já a integrante Rosanne Mulholland encontra-se na Rua Vieira de Carvalho com dois “guias” locais da noite no centro paulista, que irão ajudá-la a contar um pouco sobre o que acontece por ali, levando-a aos lugares que frequentam. Nesse momento nota-se que Rosanne tenta diminuir a barreira que costuma haver entre entrevistadores e entrevistados. Ela usa uma linguagem coloquial, anda de braços dados com os dois e durante a conversa solta inúmeras gargalhadas. Maфра, um dos personagens da matéria, chega a abraçá-la (aos 9’37” do segundo bloco), quando brinca com os amigos e a chama de “meu amor”. Nota-se, também, uma irreverência e até ousadia do programa ao deixar palavrões e expressões muito populares, e até de baixo calão, irem ao ar sem censuras – algo que não é observável em programas que utilizam um tipo de jornalismo mais convencional. Além de imagens muito fortes, como as dos usuários de drogas no começo do programa, ou como as da boate que Rosanne Mulholland vai com os ‘guias’ que a acompanhavam – em que ela entrevista um homem que trabalha no local fazendo ‘show’ enquanto ele está pelado e mexendo no seu órgão genital. Em um jornalismo tradicional, isso *nunca* iria ao ar.

O repórter Rafinha Bastos literalmente “coloca as mãos na massa” no envolvimento e até personificação do personagem para melhor retratá-lo. Ao visitar o Mercado Municipal em São Paulo, onde se vendem frutas e outros alimentos, ele degusta e dá sua opinião em frente às câmeras. Além disso, faz as vezes de um vendedor ambulante, profissional que anteriormente estava entrevistando no meio da Rua 25 de Março. Quando visita um *karaokê* japonês no Bairro da Liberdade, além de dançar com



os participantes, acaba subindo no palco para cantar. O humor também se faz presente: no Mercado Municipal, um feirante oferece um pedaço de uma fruta exótica para Rafinha Bastos, e depois aponta para placa correspondente à fruta com os dizeres “ativa a função sexual”, ao que ele responde: “por isso que quando eu experimentei o primeiro pedaço, eu comecei a te olhar de um jeito diferente” (A partir dos 2’12” do quarto bloco do programa). Na Bairro da Liberdade, ele finge que sabe falar japonês e “traduz” o que um homem fala no karaokê (dos 2’39” aos 3’02” do quinto bloco do programa). Há, ainda, um pequeno desvio de foco na reportagem quando o repórter rouba a atenção na matéria para si: duas características gonzo sendo observadas simultaneamente. Aos 2’20” do quinto bloco, Rafinha Bastos começa a dançar com uma senhora japonesa, e pergunta se está dançando bem. Pode ser observada no programa a polêmica da atenção do telespectador: para quem ela se volta? Muitas vezes o integrante do programa, por uma questão de mostrar carisma e se colocar como atuante direto no fato, acaba se tornando a notícia, em detrimento do conteúdo da reportagem.

Profissão Repórter - Cobertura do festival de música SWU:

Nesta edição do programa, exibida no dia 12 de outubro de 2010, cinco foram os repórteres responsáveis por cobrir o festival de rock que aconteceu na cidade de Itu – interior de São Paulo, a cerca de 70 km da capital – entre os dias 09 e 11 de outubro. O programa começa com Gabriela Lian. O que pode parecer, a princípio, uma cobertura jornalística tradicional – com entrevistas ao público que, de fato, participaria do evento – se mostra diferenciada aos 03’50”: “Chega a nossa vez de procurar acomodação”. A repórter, assim como as suas fontes, ficará acampada na fazenda Maeda. Desse modo, tem-se o exemplo de uma osmose em relação ao fato relatado. Lian não fará apenas uma matéria sobre pessoas que foram ao festival de música – ela própria estava lá, vivendo experiências semelhantes a algumas dessas pessoas. Por isso, observa-se o uso da primeira pessoa, uma característica marcante do jornalismo gonzo.

Caio Cavechini começa a sua cobertura no momento 4’17” e a entrevista se inicia de um lugar de fala não habitual do jornalismo: entrevista em meio ao lixo, com repórter e fonte correndo na rua. Esta é uma forma de introduzir o telespectador no universo que se quer retratar. No entanto, não se tem uma captação participativa aos moldes de Thompson o qual, possivelmente, viveria, de fato, a realidade dos catadores, realizando e auxiliando nas tarefas diárias dos trabalhadores. Cavechini apenas observa, uma observação mais profunda e mais detalhada do que acontece comumente no



jornalismo, mas que não chega a ser ‘mergulhativa’ como a de Thompson. Outra característica do jornalismo gonzo diz respeito à descrição do ambiente. Neste caso, é preciso levar em conta o suporte. Enquanto Thompson só usava a escrita, na televisão há a imagem e o som, assim, pode-se observar que enquanto o repórter fala, explora-se bastante a imagem do ambiente, como se observa a partir de 4’51”, com destaque para o trecho 4’57”.

Nas primeiras aparições de Eliane Scardoveli, pode-se levar em conta o aspecto da edição e dos bastidores. A jornalista tem dificuldade em conseguir permissão para ir a áreas onde estão os artistas. Nos trechos 8’14” e 8’40”, são mostradas respostas negativas relativas aos seus pedidos de registro. No entanto, no minuto 8’50” do episódio, ela e Raphael Prado conseguem finalmente entrar nos camarins. Em uma matéria jornalística tradicional, provavelmente, os aspectos relativos às dificuldades de realização da pauta seriam deixados de lado na hora da edição. A preocupação com a edição também acontecia com Thompson – no caso dele, muito pouca ou nenhuma, mas ainda assim percebe-se uma influência desse aspecto no *Profissão Repórter*. No programa são feitos cortes, mas as escolhas são baseadas em critérios diferentes dos feitos no Jornalismo Tradicional. Como o programa se propõe a mostrar os bastidores da notícia, é importante que o telespectador tenha acesso a esses dados de produção, tornando a matéria mais real e o trabalho do jornalista mais humano já que mostra a realidade da produção. Essa característica lembra a hipótese de ser dada maior importância ao jornalista do que ao fato relatado. Outro aspecto é que a jornalista se envolve tanto com o que está vivendo que, mais uma vez, pode-se observar o uso da primeira pessoa. É o caso da declaração do trecho 10’17”: “É a primeira vez que eu faço uma cobertura de show de rock”; é uma afirmação que, jornalisticamente, não teria importância.

Em 8’31”, Caco Barcellos narra que os repórteres Eliane Scardoveli e Raphael Prado “têm a missão de se aproximar das estrelas do festival”. No entanto, observa-se no minuto 22’16” que os jornalistas não se prendem à pauta. Ao observar quatro jovens sentados no chão e cobertos com papelão, os repórteres os abordam a fim de saber o motivo que os fazia estar ali. No caso, passariam a noite próximo aos portões para que pudessem assistir de perto ao show da banda *Avenged Sevenfold*. Scardoveli e Prado, que deveriam entrevistar estrelas, se interessam por anônimos e não hesitam em estabelecer o contato, mesmo este não sendo o objetivo da pauta inicial. Thompson era mestre em fazer isso, como no caso de *The Kentucky Derby is Depraved and Decadent*



(1970), quando a pauta era uma corrida de cavalos e, na matéria final, o nome do ganhador não é sequer mencionado. Um fato curioso é que, no segundo bloco do programa, vemos Raphael Prado – inicialmente dupla de Eliane Scardoveli e responsável por cobrir os artistas – continuando sozinho a abordagem aos quatro jovens que dormiram no frio esperando o show, mas, dessa vez, no momento da apresentação. Prado passa a registrar, então, o fato por um ângulo semelhante ao de Gabriela Lian. Ou seja, durante a realização da matéria, a pauta de Prado foi mudada, provavelmente por causa da fuga de foco dele e de Scardoveli, o que é uma característica gonza.

CQC – Oktoberfest em Munique:

O *CQC* enviou, para o episódio exibido no dia 12 de outubro de 2009, um de seus repórteres, Felipe Andreoli, para a Alemanha, a fim de fazer uma cobertura do evento *Oktoberfest* original, em Munique. É um festival relacionado à cerveja e à cultura alemã, bastante tradicional; também é realizado em diversos países, inclusive no sul do Brasil. O uso do humor no programa é bastante empregado em matérias como essa, em que o entretenimento maior parece ser não o evento em si, mas o que o repórter vai fazer quando estiver em frente às câmeras. Nesse caso, tanto a questão do humor quanto da supervalorização do repórter são características gonzas das quais podemos notar influência no programa.

O repórter, por estar na Alemanha e dominar apenas a língua inglesa, vê-se “entrevistando” pessoas na rua sobre o evento sem na realidade entender muito bem o que está sendo dito. Dessa forma o programa satirizou a situação mais do que realmente transmitiu informações possivelmente esperadas pelo telespectador sobre o festival. Ainda passeando pela *Oktoberfest*, Andreoli abandona cada vez mais a posição profissional e passa a incorporar um indivíduo que está apenas se divertindo no festival. A ousadia não é só em seu vocabulário, mas em cenas como a que ele bebe muita cerveja e beija diversas mulheres. A reportagem perde, então, aspectos de matéria jornalística e passa a ser um retrato de Andreoli em uma festa. Pode-se ver que é uma influência direta do Jornalismo Gonzo, pois mostra o discurso do repórter como vivenciador da experiência, e não como narrador afastado do fato. No jornalismo tido como tradicional, dificilmente seriam mostradas pessoas virando copos de cerveja e beijando vários desconhecidos – e é o que acontece na festa. Com a perspectiva gonza, quem assiste pode ter uma visão mais real do evento.



Pânico na TV – O Impostor

O Impostor é um personagem e quadro inspirado em Rémi Gaillard, um humorista francês que faz um programa similar em seu País. No programa Pânico, ele é vivido pelo ator e humorista *Daniel Zukerman*. No quadro, o personagem e sua equipe tentam entrar em diversos eventos e festas que envolvem a alta sociedade. O quadro tem gerado muitas polêmicas, a exemplo do texto postado de Rogério Lima em seu blog Borbulhando no dia 15 de março de 2010:

Pois bem, aí é que está a “manha da ariranha”. Como em todos os eventos “invadidos” pelo “Impostor” Daniel, SEMPRE teve algo que facilitasse a sua entrada ou de alguns de seus mancebos, como o caso do agente “Delari” que entrou junto com a família da Tessália (@Twitess) no dia da Eliminação dela no BBB. Ele e o diretor Alan são bem conhecidos da família de Tessália fazendo, deste modo, a promoção da entrada deles com a enorme facilidade que foi dentro dos estúdios da Rede Globo de Televisão.

Voltando ao assunto do Oscar 2010, no qual *Daniel Zukerman* “invadiu”, conferindo a lista de IMPRENSA da Academia, dá para perceber que a Rede TV! era uma das credenciadas (vide imagens abaixo ou aqui), inclusive, procurando na lista mais atentamente, você achará a Band, a Rede TV (escrito de outro modo) e até a Rede Minas entre as credenciadas do evento. (LIMA, 2010)

Desde já se percebe uma característica do Jornalismo Gonzo que estará presente em boa parte da matéria: a dificuldade de se distinguir realidade de “ficção”. Em muitos momentos, a veracidade das imagens e façanhas do impostor pode ser questionada pelo telespectador, como duvidou Rogério Lima em seu blog. Para este trabalho, o que interessa é a existência desta dúvida e não a investigação sobre a veracidade ou não dos fatos para a construção da matéria.

O Impostor tentou entrar no funeral do cantor Michael Jackson, em Los Angeles, EUA. O episódio do programa foi dividido em duas partes, exibidas respectivamente nos dias 05 e 12 de julho de 2009. Passando para outras influências gonzas presentes neste quadro, cita-se a fuga do tema como característica presente em diversos momentos da reportagem, em que o foco deixa de ser entrar no funeral de Michael Jackson ou até mesmo nas filas do aeroporto e passa a ser mostrar apenas peripécias do impostor em situação diversas. No dia 05 de Julho:

Aos 2’29” de episódio, Zukerman entra em um *free shop* (tipo de loja localizada em salas embarque e desembarque de aeroportos, onde se vendem produtos com redução ou isenção de impostos) e abre uma garrafa de bebida alcoólica, se serve em um



copo de plástico e depois fecha o lacre, saindo supostamente sem pagar pela mercadoria. Neste caso em particular, também se tem o uso do humor, no momento em que o repórter e o câmera brindam com um “Rumo a Michael Jackson”. No trecho 02’45” do vídeo, o *Impostor* já está na poltrona do avião, e fala: “A gente só tem um *cookie* aqui, como é que faz para pegar?”. Em seguida, aciona o sinalizador para a aeromoça e, quando a passageira ao seu lado se distrai, pega o biscoito dado pelo serviço de bordo. Aos 4’20” do programa, Zukerman está filmando e tirando fotos com vários artistas vestidos de super-heróis perto do *Kodak Theater* e, ao se posicionar junto ao “Super-Homem” para tirar uma fotografia, aperta um dos mamilos do personagem. É esse uso da piada escrachada que lembra o Gonzo. No caso do quadro do *Pânico na TV*, essa característica é mais exagerada, levando-se o fato ao ridículo.

No entanto, analisando essa primeira parte e notando aspectos gonzos dentro do seu contexto, fica o questionamento: essas ferramentas discursivas estão sendo usadas para quê? O que este programa leva a quem o assiste? Vê-se o despojamento típico de Thompson, mas com que finalidade? Beber em uma loja e não pagar? Pegar comida dos outros sem pedir?

No trecho 9’13”, já na casa onde Michael Jackson morava, o personagem decide interromper as entrevistas dos demais repórteres que faziam a cobertura. Entrega flores para os jornalistas e para os entrevistados enquanto estão gravando a matéria, passa ao fundo fazendo sinais e por último começa a infiltrar-se em fotos de família e grupos de amigos como se fosse um deles.

No trecho 7’35”, ele está na casa da mãe do cantor Michael Jackson, onde fãs se reúnem para deixar flores, presentes e homenagens ao rei do pop e sua família. Nesse momento, decide deixar como presente um pedaço de pé-de-moleque, acrescentado do seguinte comentário: “O doce preferido do Michael Jackson”. A ironia, o sarcasmo e o humor estão contidos nesse pequeno ato e comentário já que o cantor falecido foi acusado de pedofilia.

Nos trechos descritos acima, continuam sendo observados aspectos gonzos, mas, mais uma vez, a pergunta se faz necessária: para quê? No contexto de surgimento do jornalismo gonzo, a falta de regras e a ironia, por exemplo, eram usados como forma de contestação social, como expressão do movimento hippie, era uma atitude de posicionamento diante do mundo, mas e hoje? Invadir a foto de alheios quer dizer o que? Atrapalhar coletivas de imprensa com brincadeiras sem conteúdo é expressão de que tempo?



Na segunda parte do quadro, exibida no dia 12 de julho, podemos identificar algumas características do Jornalismo Gonzo logo no discurso do narrador. Assim como Thompson faz com o inglês, o programa faz uso criativo do português para, no início do quadro, fazer uma retrospectiva da matéria anterior e situar o leitor no que está por vir. Ele se utiliza de palavras como *odisseia*, *Tupiniquim*, *expertise*, *magnitude*, *epopeia*, que não são de uso comum nas reportagens e matérias televisivas. Odisséia e epopeia poderiam ser facilmente substituídas por aventura ou missão. Outra palavra a ser analisada seria *expertise*, que faz referência à qualificação ou conhecimento técnico específico que um indivíduo possui. Esta palavra superestima as habilidades do agente do programa e poderia ser trocada por esperteza ou astúcia. Magnitude também poderia ser substituída por *grandeza* ou *proporção*. Por último tem-se o uso do termo *Tupiniquim*, antiga nação de índios brasileiros.

Ainda na narração, percebe-se o uso de ilustrações e vídeos de temas diversos intercalados aos flashbacks da reportagem anterior. O uso destes vídeos indica mais uma característica do Jornalismo Gonzo, uma vez que este último faz muito uso de ilustrações como complemento do texto. No caso do programa, as imagens não se remeteram às cenas do funeral, mas sim a de filmes, como, por exemplo, um lançamento de um foguete.

Além do mais, nesta reportagem, vê-se presente a característica da fuga do tema. No trecho 1'59", o repórter se encontra em um bairro residencial e explica ao leitor que dois dias havia sido o 4 de julho, feriado da Independência norte-americana. Zukerman, então, começa a tirar todas as bandeiras da vizinhança e a substituí-las pela brasileira, até que foi notado por um dos moradores da casa e foge. Esta “cena” nada tem a ver com o funeral de Michael Jackson.

Em certo momento, a equipe segue para o cemitério onde o astro será enterrado após o funeral. Depois, para o estádio onde a cerimônia vai ser realizada. O *Impostor* consegue driblar a segurança e, finalmente, cumprir seu objetivo de entrar no evento. Ao fim da matéria, conta como foi emocionante para ele ir à homenagem de Michael Jackson, por motivos pessoais. Essa é outra mostra de características do Jornalismo Gonzo, pois o repórter dá o seu relato direto do fato, sem nenhum afastamento da notícia, além de adicionar ao seu discurso um exemplo pessoal, levando, assim, uma alta dose de subjetividade à matéria. É uma configuração típica do Gonzo esse retrato da pessoa jornalista, em que o jornalista acaba por se tornar tão importante quanto o fato reportado.



Programa do Ratinho – Quadro de Arthur Veríssimo:

Arthur Veríssimo é um dos grandes nomes do jornalismo gonzo atual brasileiro. Em suas reportagens para a *Revista Trip*, explora diferentes universos e situações que vemos no nosso dia-a-dia e não paramos para observar de fato. Em 1998, foi convidado para mostrar seus vídeos de viagem para a Índia no *Programa do Ratinho*, exibido no SBT, e acabou tendo um quadro no programa. Foi assim que Veríssimo levou um pouco do universo que transfere para o papel até hoje na *Trip* para a televisão brasileira.

Em uma de suas reportagens, em que aborda os índios da tribo zoé, isolada no norte do Pará, Veríssimo os acompanha em uma caçada. O assunto exótico já lembra o jornalismo gonzo: índios, isolados no Pará, caçada. Temas que dificilmente entrariam na pauta do jornalismo dito tradicional. Ele não esquece sua posição de mediador da informação: mantém suas vestimentas e a fala didática explicando o que está sendo feito e as próximas ações dos índios. Observa-se, assim, um afastamento entre os dois atores da pauta: Veríssimo está na posição de observador.

A descrição do ambiente é extrema e sem cortes, caracteristicamente gonza: dos índios nus não se esconde os órgãos sexuais; parte que geralmente é tabu na televisão brasileira, na reportagem é tratada com naturalidade. A partir do tempo 2'26", tem-se um grupo de índios nus a matar um macaco com tomadas bastante aproximadas, dando detalhes da dentição do animal, do bicho queimando na fogueira e dos pêlos sendo raspados. O repórter começa a se inserir no ambiente retratado, porém não mais como um mero observador. Passa a fazer parte do ritual, quando aceita comer a carne do macaco. Assim, observa-se no quadro inúmeras influências gonzas: temática, descrições extremas do ambiente, repórter participando da notícia. Tudo isso levando em consideração as restrições do suporte; o tempo total da matéria é a maior delas: apenas 3'53".

Conclusão

O primeiro dos objetivos deste artigo foi apontar influências e contribuições do jornalismo gonzo para os programas que figuram no modelo midiático atual brasileiro. Durante a pesquisa, foram utilizados trabalhos anteriores sobre o tema como base para identificar que características seriam consideradas, bem como a própria obra de Thompson, *Medo e Delírio em Las Vegas (1971)*. Após a análise dos vídeos, pode-se



ver quais destes elementos ou influências gonzas se manifestaram efetivamente nos programas que compunham a amostra - seja na postura adotada pelos apresentadores, nos recursos de pós-produção ou até mesmo na própria escolha de temas por parte deste programas, cumprindo assim, o segundo objetivo.

As hipóteses da pesquisa foram confirmadas, pois se fez evidente que os programas televisivos brasileiros contemporâneos que compuseram a amostra fazem, sim, uso de técnicas gonzas na configuração de seus quadros. A presença, em todos os episódios analisados, da captação participativa – que consiste na interferência do repórter no objeto da matéria – leva muitas vezes, como se foi observado, à perda do foco. O jornalista se torna o causador do fato relatado, e não mero observador, levando o telespectador a realizar vários questionamentos: afinal, o que realmente está sendo reportado ali? O fato retratado existe independente da interação com o repórter?

Também foi confirmada a presença do humor nos quadros analisados, sem muitas surpresas, pois muitos dos programas possuem caráter humorístico – não só com a finalidade de informar, mas também de entreter. Porém, as formas de humor explicitamente exploradas pela maioria desses programas foram o sarcasmo e a ironia, tipicamente gonzas.

O Jornalismo Gonzo, ainda que pouco explorado ou bem visado pelos profissionais de jornalismo e pela academia, faz-se presente nos programas televisivos brasileiros. Dessa forma, uma pesquisa centrada em analisar, no âmbito da comunicação, as principais influências do jornalismo gonzo na televisão é um elemento contribuinte para um maior acúmulo de conhecimento na área, colaborando para um maior entendimento desse estilo de jornalismo, originalmente praticado por Hunter S. Thompson, e que não somente a ele se limitou.

Referências bibliográficas

CZARNOBAI, André. **Gonzo: o filho bastardo do New Journalism**. Monografia de Conclusão de Curso, FABICO/UFRGS, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2010.

ALAM, Camila. **Hunter S. Thompson e o Jornalismo Gonzo. Publicado em: 13 jun. 2009**. Disponível em: <<http://hunterthompson.wordpress.com/2009/06/13/2-hunter-s-thompson-e-o-jornalismo-gonzo/>>. Acesso em: 16 set. 2010.

LIMA, Rodrigo. **O Impostor no Oscar 2010: A mais inacreditável FARSA!** Blog Bobolhando. 15 mar. 2010. Disponível em: <<http://bobolhando.com.br/o-impostor-no-oscar-2010-a-mais-inacreditavel-farsa/>>. Acesso em: 13 nov. 2010.



QUEIROZ, Andréa. **O Pasquim e suas imagens: um exercício lúdico motivado pelo gozo (1969-1991)**. Tese de mestrado em História Social na Universidade Federal Fluminense – UFF. Rio de Janeiro, 2005.

QUEIROZ, Andréa. **O velório de um folião: O Pasquim e os anos 1980**. In: XII Encontro Regional de História Usos do Passado, 2006, Rio de Janeiro. Resumos e Programação do XII Encontro Regional de História Usos do Passado.